

**Eduardo da Silva Lopes
Anderson Luis Garcia
Lucas Giolo Facirolli**

A AUTOBIOGRAFIA EM GEORGE ORWELL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao UNI-FACEF
Centro Universitário de Franca
para obtenção do título de
licenciatura em Letras

Orientadora: Prof^a. Ms. Flávia Herker Lopes Bernabé

**FRANCA
2008**

**Eduardo da Silva Lopes
Anderson Luis Garcia
Lucas Giolo Facirolli**

A AUTOBIOGRAFIA EM GEORGE ORWELL

Franca, 10 de outubro de 2008.

Orientadora: _____

Nome: Prof^a. Ms. Flávia Herker Lopes Bernabé

Instituição: Uni-facef – Centro Universitário de Franca

1º Examinador(a): _____

Nome: Prof^a. Ms. Adriana Aparecida Silvestre Gera

Instituição: Uni-facef – Centro Universitário de Franca

2º Examinador(a): _____

Nome:

Instituição: Uni-facef – Centro Universitário de Franca

O Homem não vive somente a sua vida individual; consciente ou inconscientemente, participa também da vida de sua época e dos seus contemporâneos.

Thomas Mann

Dedico este trabalho ao tempo, ditador supremo sobre nossas vidas, e principalmente ao tempo futuro; à Flávia, nossa orientadora pelo apoio, força, e paciência.

Eduardo da S. Lopes

Dedico esta conquista primeiramente a Deus, minha mãe D. Abadia, minha namorada Stefânia, que me incentivou desde o início, a todos meus companheiros de sala em especial Eduardo e Lucas.

Anderson Luis Garcia

Dedico este trabalho à minha família, à minha noiva e à orientadora.

Lucas Giolo Facirolli

AGRADECIMENTOS

- a meus pais, aos grandes amigos participantes da pesquisa e à orientadora pela paciência.

Eduardo da S. Lopes

- a Deus, minha mãe D. Abadia, minha namorada Stefânia, que me incentivou desde o início, a todos meus companheiros de sala em especial Eduardo e Lucas.

Anderson Luis Garcia

- à minha família, minha noiva pela paciência, meus avós que foram muito importantes para a realização desta graduação e principalmente aos meus amigos de pesquisas acadêmicas (Anderson e Eduardo), pela ajuda que sempre me deram e também pela paciência.

Obrigado.

Lucas Giolo Facirolli

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é elaborar um estudo sobre os textos autobiográficos de George Orwell, o ensaio *O abate de um elefante* (1936) e a obra *Na pior em Paris e Londres* (1933), apontando as características estilísticas presentes nesta modalidade de escrita e esclarecer que o propósito e a preocupação com a totalidade política é configurado a partir de uma visão exteriorizada sobre a própria vivência. Para tanto foram utilizados os estudos teóricos bakhtinianos sobre autobiografia e a auto-contemplação.

PALAVRAS CHAVE: Orwell; autobiografia; auto-contemplação; Bakhtin; século XX.

ABSTRACT

The objective of this study is to talk about George Orwell's autobiographical texts, especially the essay *O abate de um elefante* (1936) and his work *Na pior em Paris e Londres* (1933), pointing out the stylistics characteristics presented at this sort of writing and explain that the purpose and the worry about totalitarianism are represented through a manifestation of his own life. To this end, Bakhtin's theoretical studies in autobiography and autocontemplation were used.

KEYWORDS: Orwell; autobiography; autocontemplation; Bakhtin; Twentieth century.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| Introdução | 11 |
| 1. Breve histórico de George Orwell | 13 |
| 2. Apontamentos teóricos para a análise de autobiografia | 17 |
| 3. O ensaio <i>O abate de um elefante</i> | 20 |
| 3.1 Resumo do ensaio | 20 |
| 3.2 Análise do ensaio | 21 |
| 4. A obra <i>Na pior em Paris e Londres</i> | 26 |
| 4.1 Resumo da obra | 26 |
| 4.2 Análise da obra | 26 |
| 5. Considerações finais | 31 |
| Referências | 32 |
| Bibliografia consultada | 33 |
| Anexo | 34 |

INTRODUÇÃO

Quando se tem em mãos a produção literária de George Orwell, talvez um grande detalhe que possa chamar a atenção do leitor seja a afinidade em que a obra possui com características pessoais do autor, seja tanto em sua vivência, quanto ao seu senso crítico. Tal questão não é de se estranhar tratando-se de literatura, pois embora esteja aberta para várias interpretações, uma obra literária é escrita segundo o juízo de valores de um determinado autor e, considerando a produção artística como reflexo da alma humana submetida a uma situação vivida, existe a possibilidade de uma obra literária ter como principal intenção criticar um determinado evento histórico. Tal possibilidade é bastante presente na história da literatura, enfaticamente no século XX, e principalmente em sua primeira metade.

George Orwell pode ser considerado como um emblema da primeira metade do século XX, período atribulado por duas grandes guerras mundiais, inúmeras revoluções, crises econômicas e precursor de um futuro duvidoso quanto à sina da humanidade. Sua intenção literária rumou para a contra mão de qualquer prática política e ideológica que estabeleça a possibilidade de repressão à liberdade do homem. Daí surgem suas principais obras: *1984* (1949), uma antevisão das perversões a que um governo autoritário pode conduzir e *A Revolução dos Bichos* (1945), uma alegoria sobre os rumos tomados pela Revolução Russa, e, além destas admiráveis e importantes obras no âmbito literário, Orwell foi autor de livros e inúmeros ensaios autobiográficos. No ensaio *Por que escrevo* (2005), o autor afirma que:

Por quinze anos ou mais fiz um tipo de exercício literário diferente: era a composição de uma “história” contínua sobre mim mesmo, [...] mas em pouco tempo minha “história” abandonou seu narcisismo primário e se tornou cada vez mais uma simples descrição do que eu fazia e das coisas que via (ORWELL, 2005, p. 22-23).

Essa “simples descrição” desembocou na publicação de livros como *Na pior em Paris e Londres* (1933) e vários ensaios importantes como *O abate de um elefante* (1936) e outros vários textos curtos em que Orwell expõe sua vivência e seu posicionamento diante algum fato.

No caso de Orwell analisamos duas de suas obras autobiográficas com base na teoria de Mikhail Bakhtin sobre a diferenciação entre autor-pessoa e autor-criador e a presença desses elementos na autobiografia. Para tanto, será tomado o ensaio *O abate de um elefante* e a obra *Na pior em Paris e Londres* para tratar de características da autobiografia de Orwell.

Através dos textos autobiográficos é que melhor se percebe o caráter rebelde de Orwell. Tal rebeldia explícita (ou implícita) presente nestes textos demonstra com mais clareza uma preocupação inquietante com o contexto vigente e suas possíveis conseqüências, características também presentes em suas obras de ficção, como a obra *1984* (2000).

Este trabalho visa abordar os textos de cunho autobiográfico produzidos por Orwell, analisando-os segundo os estudos de Bakhtin (2003; 2002) sobre autobiografia e apontamentos sobre a questão do autor-criador e autor-pessoa. Desta forma é plausível a consideração de que, apesar da diferença estética entre os estilos de escrita autobiográfica e ficcional, o direcionamento crítico-político de seus escritos toma uma importância principal.

1. BREVE HISTÓRICO DE GEORGE ORWELL

Eric Arthur Blair nasceu em 1903 na cidade de Motihari, em Bengala, na região da Índia. Seu pseudônimo, George Orwell, surgiu da junção de “George”, o santo padroeiro da Inglaterra e “Orwell”, nome do rio que corta a *East Anglia*, no leste da Inglaterra e desemboca no mar do norte. De família inglesa, seu pai era funcionário do órgão da administração britânica para o controle do comércio de ópio. É nesse contexto e dentro de casa que Orwell começa respirar a política.

Aos quatro anos sua família retorna à Inglaterra, onde o pequeno Blair estudou em escolas tradicionais. No ano de 1922, entra para a polícia colonial Britânica. Após permanecer um tempo na Birmânia, país conhecido hoje como Myanmar, consta que ficou chocado com os costumes locais. Pede demissão de seu cargo e retorna à Europa. Esse período é descrito em forma de romance em *Burmese Days* (Dias na Birmânia), publicado no ano de 1934.

Optou em viver como um “vagabundo”, quando iniciou uma fantástica jornada: mendigou e trabalhou em Paris como lavador de pratos e, já em Londres, sentiu na pele o que é ser pobre na capital inglesa. Essa jornada lhe rendeu a obra *Down and out in Paris and London* (Na pior em Paris e Londres), publicado ainda um ano antes de *Burmese Days*, em 1933.

Além de livreiro, jornalista e professor, Orwell foi soldado republicano na Guerra Civil Espanhola, onde foi ferido com um tiro na garganta no ano de 1938. Teve um desequilíbrio psicológico e foi internado num sanatório. Ao sair foi em busca de recuperação em Marrocos. Descobriu os diversos pontos de vista políticos, as inúmeras faces do poder e, embora não fosse comunista nem filiado a nenhum partido político, declarava-se um esquerdista. Essa postura de Orwell não se define em estar contra a situação ou a favor da oposição. Ele estava à esquerda de qualquer ato, idéia ou ação política que levasse a deterioração dos valores de liberdade do pensamento humano. Com isso pertenceu ao grande time de críticos a ditaduras e táticas políticas autoritárias. Afirma que cada linha de trabalho sério que escreveu desde 1936 “foi escrita direta ou indiretamente contra o totalitarismo e a favor do socialismo democrata, da forma que eu o entendo” (ORWELL, 2005, p. 28).

Orwell relutou muito em levar a idéia de ser escritor, ou melhor dizendo, essa natureza que lhe fazia parte. Desde muito novo tinha o hábito de menino solitário de inventar histórias e travar conversas com pessoas imaginárias. Possuía uma grande facilidade com as palavras e usava dessa predileção como uma válvula de escape, fazendo fatos desagradáveis tomarem formas e se transformarem em letras e frases, sempre carregadas de sentidos e emoções, criando assim uma espécie de mundo particular em que podia compensar fracassos da vida cotidiana.

Aos onze anos, fase que a Primeira Guerra Mundial começa a ser travada, escreveu um poema patriótico que fora publicado em um jornal local. Aos quatorze escreveu uma peça à maneira de Aristófanes e contribuiu com a edição de algumas revistas escolares. Aos quinze começou um exercício literário um tanto diferente do que até então havia feito; a composição de uma "história" de si mesmo, relatando suas experiências pessoais e sua postura crítica sobre diversos fatos.

Segundo Orwell (2005, p. 24), o tema sobre o fazer literário se dá de forma concomitante ao momento histórico vivido e a tarefa maior é, sem dúvida, "disciplinar o temperamento e evitar ficar empacado em alguma etapa imatura ou em algum estado de desânimo perverso: mas, se se livrar completamente das influências iniciais, terá aniquilado o impulso para escrever".

Orwell conta que existem quatro grandes motivos para escrever e que esses motivos são em graus diferentes em cada escritor e podem variar de quando em quando, conforme a atmosfera que o escritor vive.

Em primeiro lugar, vem o "puro egoísmo", o desejo de ser comentado, ser lembrado após a morte, de desferrar de adultos que o desdenham na infância e viver, sobretudo, para os outros. O segundo grande motivo embasa-se no "entusiasmo estético", que segundo o autor, é a expressão sobre a percepção da beleza no mundo externo, nas palavras e seu arranjo correto. O prazer no impacto de um sobre o outro, na firmeza de uma boa prosa ou no ritmo de uma boa história. Neste ponto, o desejo de compartilhar uma experiência é evidente. O "impulso histórico" é o terceiro grande motivo e consiste no desejo de ver as coisas como elas são, de encontrar fatos verídicos e guardá-los para o uso da posteridade. Finalmente, o quarto e último dos grandes motivos persiste no "propósito político", no desejo de

lançar o mundo em determinada direção, de abalar o conceito sobre sociedade ideal a ser alcançada. Enfim, a "opinião de que arte não deveria ter a ver com política é em si mesma uma atitude política" (ORWELL, 2005, p. 25).

Podemos situar as obras de Orwell em alguns desses quatro motivos citados acima, podendo algum grande motivo predominar mais que outro. Podemos também dividi-las em dois grandes grupos; literário e não-ficção.

No grupo literário, ou os romances, as obras que mais se destacam são *Animal Farm (A Revolução dos Bichos)* e *Nineteen-Eighty-Four (1984)*. Já dentro das obras não-ficcionais, encaixa-se boa parte de sua bibliografia, com destaque para ensaios jornalísticos, políticos e crítico-literários, além de obras e ensaios autobiográficos, como *Na pior em Paris e Londres*, *O abate de um elefante*, e muitos outros. Mas o que há em comum em suas obras, sejam elas ficcionais ou não, é a vertente a crítica política. A propósito da criação estética literária, Orwell (2005, p. 30) no ensaio *Por que escrevo* afirma que:

Noto que fiz parecer que meus motivos para escrever estiveram todos voltados à causa pública. Não quero que seja essa a impressão definitiva. Todos os escritores são vaidosos, egocêntricos e ociosos, e bem no fundo de seus motivos jaz um mistério. Escrever um livro é uma luta horrível e exaustiva, como um prolongado de uma enfermidade dolorosa. Ninguém jamais se incumbiria coisa se não fosse impelido por um demônio ao qual não se pode resistir nem entender.

Orwell utiliza sua facilidade em se expressar com as palavras aliadas à literatura para criticar a política e as várias maneiras de governos totalitários. O impacto maior sobre essa percepção política veio do convívio com os desempregados e os desgarrados das sociedades européias em sua temporada vivida em Paris e Londres e da percepção sobre a destruição da liberdade do homem submetido de forma direta ou indiretamente, como dominado ou dominante a alguma hierarquia militar que serve um estado imperialista. Orwell (2005, p. 28-29) comenta que:

O que mais desejei fazer foi transformar escrita política em arte. Meu ponto de partida é sempre uma sensação de injustiça. Quando sento para escrever um livro, não digo a mim mesmo: "Vou produzir uma obra de arte". Escrevo porque existe uma mentira que pretendo expor, um fato para qual pretendo chamar a atenção, e minha preocupação inicial é atingir um

público. Mas não conseguiria escrever um livro, nem um longo artigo para uma revista, se não fosse também uma experiência estética.

Orwell afirma também, no ensaio *Por que escrevo* que o ânimo de uma experiência estética é um elemento imprescindível, que sua ausência impossibilitaria o ato de escrever qualquer coisa.

2. APONTAMENTOS TEÓRICOS PARA A ANÁLISE DE AUTOBIOGRAFIA

Mikhail Bakhtin (apud FARACO, 2005) distingue dois tipos de autores: o autor-pessoa e o autor-criador. Afirma o filósofo russo que autor-pessoa é o escritor, o artista, o indivíduo que se manifesta artisticamente, e o autor-criador como aquele constituinte que dá a forma ao objeto estético. A característica maior deste segundo tipo de autor é a de que ele é o responsável pela materialização da relação axiológica com o herói e seu mundo. Sendo assim, é ele quem dá forma ao conteúdo. A colocação do herói e a posição imposta a ele na realidade criada oferece ao autor-criador a força para constituir o todo. Enfim é um autor-criador, e não o autor-pessoa, que compõe o objeto estético.

A colocação do herói em seu mundo no romance implicará na visão que este terá do mundo, se simpática ou não, se reverência ou crítica, alegria ou amargura, e é essa concepção de valores que dá ao autor-criador o ânimo para constituir o todo, incluindo tanto seu herói quanto o mundo que está inserido, resultando no arremate estético. No ato de criação, os detalhes do plano da vida são isolados de sua eventicidade e são organizados de um novo modo. A realidade vivida é transposta para outro plano axiológico ligado ao ato artístico sintetizados em uma imagem contida e acabada.

Quanto à autobiografia, Bakhtin profere que “entendo por biografia e autobiografia (descrição de uma vida) a forma transgrediente imediata em que posso objetivar a mim mesmo e minha vida” (BAKHTIN, 2003, p. 139). A partir daí, é possível considerar a autobiografia não como um mero discurso direto do escritor sobre si mesmo, pronunciado do interior do evento da sua vida. Ao relatar sobre a própria vida, o escritor precisa se posicionar axiologicamente frente à própria vida, submetendo-a a uma valoração que transcenda os limites do somente vivido.

Ocorre neste momento uma análise exteriorizada sobre si mesmo, um processo de autocontemplação, pois o escritor, para posicionar-se axiologicamente frente a sua própria vida, precisa dar a ela um acabamento que só virá se ele distanciar-se do próprio fato vivenciado, analisando-o no ponto de vista de

um outro, ou seja, é preciso olhar-se com um certo excedente de visão e conhecimento. Forma a partir desta consideração a noção de que o “eu” sempre se constitui na relação com o “outro”. Configura-se neste ponto a imagem de um espelho que, em uma primeira vista, não apresenta apenas um reflexo do sujeito que está em frente ao objeto espelho, mas sim de uma visão exteriorizada em que o sujeito se enxerga da forma que é enxergado por outros olhos, “quando me olho no espelho não vejo o mundo com meus próprios olhos e desde o meu interior; vejo a mim mesmo com os olhos do mundo – estou possuído pelo outro” (FARACO, 2005, p. 43); é como se o autor de autobiografia analisasse o fato por ele vivido como se fosse um outro, para assim elaborar e colocar seu posicionamento crítico junto ao fato citado.

Com esses apontamentos, são analisados na obra de George Orwell a figura do autor-criador presente em seus textos autobiográficos.

“O assunto será determinado pela época em que ele vive”, afirma Orwell (2005, p. 24) no ensaio *Por que escrevo*. George Orwell segue este pensamento com um rigor extremo, transformando suas experiências pessoais em literatura, indo muito além da simples autobiografia. Ensaio como *O abate de um elefante* e a obra *Na pior em Paris e Londres* são clássicos do *New Journalism* (Novo Jornalismo), termo substituído mais tarde por Jornalismo Literário, estilo jornalístico que aproxima fatos jornalísticos e liberdade de escrita literária, oferecendo um novo modo de fazer notícia. O gênero de Jornalismo Literário foi inicialmente sistematizado por Tom Wolfe, que se baseou “na chegada de uma nova safra de livros de não-ficção que tomavam emprestadas ferramentas da narrativa literária para elaborar um estilo de reportagem que, segundo ele, era inteiramente novo” (GIANNETTI, C. 2008, p. 66).

Quanto a essa aproximação presente entre jornalismo e literatura, Orwell faz uma interessante observação sobre o livro *Homage to Catalonia* (*Homenagem à Catalunha*). O autor escreve:

Meu livro sobre a Guerra Civil Espanhola, *Homage to Catalonia* [*Homenagem à Catalunha*], é, claro, abertamente político, mas a maior parte dele foi escrito com algum distanciamento e preocupação com a forma. Empenhei-me muito em contar toda a verdade sem violar meus instintos literários. Mas entre outras coisas, o livro contém um longo capítulo, repleto de citações de jornais e coisas do gênero [...]. sem dúvida um capítulo

assim, que após um ou dois anos perderia o interesse para qualquer leitor comum, deve arruinar o livro. Um crítico que respeito me passou um sermão sobre isso. “Por que incluiu todo esse material?”, perguntou. “Transformou em jornalismo o que poderia ter sido um bom livro”. O que disse é verdade, mas eu não poderia ter feito de outra maneira. (ORWELL, 2005, p. 29-30).

O elemento comum a todos os escritores-jornalistas, isolando suas preferências ideológicas, é a tentativa sóbria e obstinada de transformar em palavras a situação dos homens (muitas vezes, o próprio autor, como é o caso de Orwell) inseridos em um determinado espaço, sendo influenciado política e culturalmente no ambiente analisado.

Para uma primeira análise, tendo em foco as obras de caráter autobiográfico de Orwell, é importante lembrar alguns aspectos de sua vida. Já foi dito que o autor foi soldado da polícia imperial britânica, passou dificuldades financeiras em sua passagem em Paris, seu regresso para Londres não foi agradável, pois foi obrigado a viver como um mendigo tempos mais tarde, lutou na Guerra Civil Espanhola. Fazia anotações em um diário e essas anotações serviam de base para a configuração de ensaios que remetem passagens da própria vida.

3. O ENSAIO *O ABATE DE UM ELEFANTE*

3.1 RESUMO DO ENSAIO

Em novembro do ano de 1936, é publicado no *New Writing* o ensaio *O abate de um elefante*¹. Um texto crítico ao imperialismo exercido pela Inglaterra a vários países, no ensaio em análise, o país é a Birmânia (atual Mianmar), centro sul asiático.

Conta-se no ensaio uma reflexão sobre a época em que Orwell trabalhava para a polícia imperial britânica, única passagem em sua vida em que era importante o bastante para ser detestado por um grande número de pessoas devido ao fato de ser um soldado subordinado às ações britânicas.

É narrada a forma como um soldado britânico era tratado com desprezo pelos nativos birmaneses e o quanto isso era desconcertante e perturbador para uma pessoa consciente do perfil maligno que o imperialismo apresenta. Para exemplificar esse sentimento, é narrado um incidente que, apesar de insignificante para o contexto, ofereceu uma idéia lúcida sobre a natureza do imperialismo.

O subinspetor de uma delegacia diz que um elefante domesticado enfurecido estava destruindo um bazar e incumbe a Orwell a missão de “ir lá e fazer alguma coisa” (ORWELL, 2005, p. 61).

Montado em um pônei e munido de um fuzil Winchester 44 (armamento fraco em demasia para abater um elefante), Orwell rumou em encontro ao animal. No caminho, encontra uma série de estragos feitos pelo animal, dentre eles o mais grave, um homem morto pelo ataque do elefante.

Ao se deparar com a situação, pede uma arma de maior calibre, com a intenção de auto-defesa, se necessário. Quando Orwell é visto pelos birmaneses com uma arma capaz de matar um elefante, os nativos começam a segui-lo com a esperança de assistir ao abate. Matar o elefante era a última das intenções do narrador, mas devido à pressão exercida por parte dos olhares da aglomeração birmanesa, Orwell se sente obrigado a realizar uma ação contra sua própria vontade.

¹ O ensaio *O abate de um elefante* encontra-se na íntegra no anexo da página 34.

O elefante é abatido e o narrador expõe sua crítica sobre o fato em duas partes: primeiro, que ao trabalhar para uma nação imperialista, a primeira coisa que o homem perde é a própria liberdade; segundo, que em âmbito pessoal, Orwell somente matou o elefante para não parecer um bobo aos olhos birmaneses. Este segundo ponto remete ao homem que exerce função semelhante a de um fantoche subordinado à situação.

3.2 ANÁLISE DO ENSAIO

No ensaio *O abate de um elefante*, tem-se a narração de um fato baseado na vida de Orwell em que é perceptível um “motivo maior” em sua construção que remete a algo superior ao simples relato. Não é narrada apenas uma seqüência de fatos na qual o protagonista/autor descreve uma experiência que não se vive todos os dias (no caso, uma situação que forçou o protagonista a abater um elefante). É exposto um posicionamento ideológico político e pessoal diante do fato narrado, ou seja, é expressa a vida pessoal do autor (sua vivência) concomitante a seu posicionamento crítico (sua postura ideológica). Quando Orwell escreve sobre sua vida, é exposto, juntamente aos fatos narrados, um posicionamento axiológico. A elaboração deste posicionamento somente é possível porque Orwell analisa sua vivência de forma exteriorizada, possibilitando a construção de valores sobre o fato narrado, graças a elaboração da visão do eu como um outro sobre mim mesmo.

É formulado um processo estético em suas obras autobiográficas: primeiro é exposto o tema a ser abordado em um espaço geográfico trabalhado como plano de fundo onde o protagonista se encontra. Segundo, ocorre uma descrição de atos e costumes presentes neste espaço. Finalmente, é desenvolvida uma série de fatos que funciona como mecanismo da formação axiológica; e enfim, o final da narração do fato ocorrido se fecha com uma conclusão pessoal do autor, como se justificasse o “porquê” do ensaio.

Em *O abate de um elefante* é possível perceber todo este processo. É narrada uma situação em que Orwell está a serviço do império britânico em uma ação imperialista na Birmânia, e é designado para resolver uma série de problemas

que um elefante enfurecido estava causando em um vilarejo. A situação serve como ambiente para a exploração de temas como o sentimento antiimperialista presente nos soldados, a situação dos povos dominados em relação a situação dos dominadores, e a pressão que o imperialismo exerce sobre a mente do homem.

São presentes alguns elementos que narram detalhes da vida do autor, como se percebe abaixo:

Eu era policial de subdivisão na cidade, e, de maneira mesquinha e aleatória, o sentimento antieuropeu era bastante acrimonioso.[...] Como policial, eu era um alvo óbvio, importunado toda vez que podiam fazer isso com segurança. Quando um birmanês ágil me passou uma rasteira no campo de futebol e o juiz (outro birmanês) desviou o olhar, a multidão explodiu numa gargalhada revoltante (ORWELL, 2005, p. 60).

Tendo em vista a perspectiva autobiográfica, é exibida uma série de fatos que compõe a história a ser tratada sobre o vivenciamento e narração da própria vida. A escrita autobiográfica é considerada por Bakhtin como mais “realista”, devido ao menor número de elementos de isolamento e acabamento, fazendo o ativismo do autor menos transformador. A escrita biográfica produzida por Orwell não visa a simples narração de fatos seqüenciados de sua vida pessoal. De modo individualista e egocêntrico, a descrição das situações vividas funciona como fator ambiente onde se constrói o posicionamento ideológico do autor. Dessa forma, a personagem (o próprio autor) permanece inalterada, e a atenção é voltada à realização de uma ação que desembocará em uma construção de uma análise reflexiva sobre o acontecimento narrado.

Este tipo de acabamento somente é possível pelo fato do escritor de autobiografia analisar sua vida de modo distanciado, ou seja, olhando-a de fora. Orwell torna-se desta forma um outro em relação a si mesmo. Para se auto-objetivar-se é necessário se olhar com um certo excedente de visão e conhecimento, algo que Orwell faz a todo o momento quando se trata de autobiografia. É como se voltasse o olhar ao fato vivido após algum tempo da ocorrência deste e escrever sobre este mesmo fato, acrescido de um posicionamento crítico que somente virá algum tempo depois sobre o acontecimento descrito. Essa sensação se dá no leitor no ato da leitura.

A ânsia de se expressar lucidamente sobre algum evento histórico vigente é uma característica presente em toda obra orwelliana, principalmente em seus textos autobiográficos, em que tal característica se apresenta de forma clara e direta, oferecendo ao leitor uma imagem da postura ideológica pertencente ao autor. Esta observação se produz porque escritor e herói aparentemente se coincidem quando se toca em autobiografia, porém, para Bakhtin (apud FARACO, 2005), sem deslocamento não há ato criador.

O abate de um elefante expõe o conceito de imperialismo no ponto de vista do autor sobre como o ser humano é obrigado a realizar ações desnecessárias sendo obrigado a se portar como um frívolo, tudo com o simples objetivo de demonstrar a superioridade de um país. Todo o caso é exemplificado na situação em que o sujeito do ensaio se sente na obrigação de matar um elefante. A partir deste ponto começa uma exposição de uma postura intrinsecamente pessoal em que o autor expõe todo o seu sentimento em forma de desabafo:

[...] eu já tinha concluído que o imperialismo era algo maligno e que quanto antes eu renunciasse o emprego e saísse dali, tanto melhor. Na teoria - e claro, no íntimo - eu era a favor dos birmaneses e contra os opressores, os britânicos. Quanto ao trabalho, eu detestava mais profundamente do que talvez seja capaz de expressar. [...] Era jovem, mal informado e tinha de pensar em meus problemas no silêncio total imposto a todo inglês no Oriente (ORWELL, 2005, p. 61).

Ao mesmo tempo em que é oferecida uma visão sobre o tema tratado, é inserida aos poucos a característica do perfil axiológico do herói, ou seja, vagarosamente o herói revela o certo, o errado e a confusão gerada por esses conceitos quando analisados a partir de diferentes pontos de vista. Na passagem abaixo, não podendo explicar o fundamento da confusão gerada pelo conflito de perspectivas, toda culpa é jogada sobre o alvo de suas críticas: o imperialismo britânico.

Com um lado da cabeça, eu pensava que a soberania britânica era uma tirania inquebrantável, algo imposto, *in saecula saeculorum*, contra a vontade dos povos humilhados; com o outro lado, pensava que o maior prazer do mundo seria enterrar uma baioneta nas entranhas dos sacerdotes budistas. Sentimentos como esses são conseqüências do imperialismo (ORWELL, 2005, p. 61).

Constitui-se neste instante um emaranhado de idéias que se juntam contra uma determinada postura que o narrador é incapaz de seguir na contra mão. O “eu” mencionado é o próprio Orwell, o autor-pessoa que é contra a ação imperialista britânica, mas é ao mesmo tempo muito além de incapaz de seguir seus princípios, pois ele está submisso à situação. A circunstância força-o a agir de maneira favorável em algo que ele é contra, formando um estado que o leva a um entendimento geral da situação e uma avaliação pessoal sobre a mesma.

[os nativos] não gostavam de mim, mas com um fuzil mágico nas mãos, eu merecia um instante ser observado. E de repente me dei conta de que deveria afinal abater o elefante. [...] E foi naquele momento, parado com o fuzil nas mãos, que compreendi pela primeira vez o vazio, a futilidade do domínio dos brancos no oriente. Ali estava eu, o branco com uma arma de fogo, [...] aparentemente o ator principal da cena, mas na realidade, apenas um fantoche absurdo empurrado de um lado para o outro pela vontade daqueles rostos amarelos perto de mim. Entendi naquele momento que quando o branco se torna tirano é sua própria liberdade que ele destrói. (ORWELL, 2005, p. 65).

Neste instante é evidente a construção do caráter axiológico do autor/narrador, pois ocorre um posicionamento ideológico mediante ao fato trabalhado no ensaio. A esta altura, não é deixada de lado a característica autobiográfica (pois ainda o tema tratado pertence a um recorte da vida do autor), e o caráter confessional se apresenta de forma mais predominante.

No final do ensaio, é perceptível uma confissão, algo que somente o protagonista pode dizer de si próprio, de forma individualista por excelência, priorizando a auto-consciência apenas, isolando a fala e a percepção de terceiros. Toda essa sistematização “porque o enfoque estético e a justificação do outro podem penetrar em minha relação axiológica comigo mesmo e turvar-lhe a pureza (a glória mundana, a opinião dos outros, a vergonha diante os outros, a benevolência dos outros, etc.)” (BAKHTIN, 2003, p. 130). No final do texto, é apresentada uma colocação demasiada pessoal por parte do herói, que afirma:

Os mais velhos disseram que eu estava certo, os mais jovens, que era uma lástima terrível abater um elefante por ele ter matado um cule, porque um

elefante vale bem mais que um maldito cule de Coringhee. E mais tarde fiquei contente de que o cule estava morto; fornecia-me a razão legal e pretexto suficiente para que eu tivesse abatido o elefante. Muitas vezes me perguntei se alguém percebeu que fiz o que fiz unicamente para evitar parecer um bobo. (ORWELL, 2005, p. 69).

Neste final, é exposta uma conclusão que explica o motivo maior de todo o desenrolar de fatos. A consciência do autor-criador presente no texto, aparentemente coincide com a do autor-pessoa, isto é, de Orwell como autor. Só não ocorre a coincidência entre a consciência do herói e do autor porque houve um intervalo de tempo entre o acontecimento e a construção do fator axiológico sobre o acontecimento.

Ao trabalhar um tema complicado como a situação do homem diante o imperialismo, é feita também uma análise do problema utilizando um fato ocorrido em um determinado espaço, no caso, a Birmânia, e, enfim, toda uma confissão que oferece uma idéia de toda a pressão sofrida pelo homem submetido a tal condição.

4. A OBRA NA PIOR EM PARIS E LONDRES

4.1 RESUMO DA OBRA

Situado na *Rue du Coq d'Or* em um bairro pobre de Paris, inicia-se uma narrativa sobre o cotidiano de um cortiço povoado por trabalhadores pobres onde Orwell viveu durante algum tempo da década de 20.

No início da narrativa, Orwell se encontra desempregado e faminto, sobrevivendo com suas últimas economias quando resolve procurar ajuda. Vai atrás de um amigo russo, Boris, que se encontra em situação pior que a vivida pelo protagonista. Decididos a não morrerem de fome, Orwell e Boris, depois de várias tentativas mal-sucedidas para conseguir algum dinheiro como corresponder com antigas amantes de Boris, colaborar para folhetins comunistas ou realizar pescarias utilizando moscas varejeiras como isca, resolvem sair em busca de um emprego em qualquer restaurante que oferecer uma oportunidade.

As oportunidades de emprego são escassas e fatores como a fraqueza aparente em Orwell e a perna manca de Boris dificultava em demasia a conquista de um emprego.

Finalmente, Boris consegue um emprego no *Hotel X*, e por indicação, consegue também um emprego para Orwell como *plongeur*, tipo de subemprego mal qualificado e de poucas chances de promoção responsável pela limpeza de pratos na cozinha. A cozinha do *Hotel X* é um lugar deplorável, sujo, velho, abarrotado de insetos e pessoas estranhas, como viciados em drogas, vagabundos e pessoas decadentes de todo o tipo.

Quando encerram sua carreira no *Hotel X*, Orwell e Boris passam a trabalhar no *Auberge Jehan Cottard*, um outro restaurante francês que se assemelha ao *Hotel X* em sua higiene e condições de trabalho.

Intencionado a voltar para Londres, Orwell se corresponde com um amigo na Inglaterra que garante-lhe um emprego de perceptor de um retardado mental. Com dinheiro emprestado, abandona o emprego no *Auberge Jehan Cottard* e regressa para Londres. Certo de que sua vida enfim melhoraria, Orwell se frustra

mais uma vez, pois quando chega ao endereço indicado, descobre que seu futuro patrão saía em viagem e retornaria somente após um mês.

Enquanto espera o retorno do novo patrão, Orwell é obrigado a viver como mendigo, pulando de albergue em albergue a procura de uma cama e alimento. Passa por diversas desventuras nesta nova fase de sua aventura e, quando finalmente consegue o emprego, deixa uma conclusão pessoal sobre a vida de mendigos e trabalhadores subempregados.

Nunca mais vou pensar que todos os vagabundos são patifes bêbados, nem esperar que um mendigo se mostre agradecido quando eu lhe der uma esmola, nem ficar surpreso se homens desempregados carecem de energia, nem contribuir para o Exército da Salvação, nem empenhar minhas roupas, nem recusar um folheto de propaganda, nem me deleitar com uma refeição em um restaurante chique. Já é um começo (ORWELL, 2006, p. 245).

4.2 ANÁLISE DA OBRA

Assim como *O abate de um elefante*, podemos enquadrar a obra *Na pior em Paris e Londres* (1933) na categoria autobiográfica de Orwell, pois conta, de forma extremamente literal, ao que se sujeitou em sua ida à França e à Inglaterra. Vale ainda ressaltar aqui da teoria baktiniana, que diz que o meio influencia o homem e o seu discurso só será válido com e nas relações sociais. É considerando o olhar do outro que conseguimos ver o que somos e o que achamos que pensamos. Mesmo se tratando de uma obra autobiográfica, por mais que Orwell tente retratar de forma pura e sem intervenções, o meio e sua ideologia estão implícitos no seu discurso.

No século XX a França era considerada um centro cultural, de onde saíam os mais renomados pintores, escritores. A França era a maior referência em tudo que se relacionava à arte.

Motivado em respirar os ares culturais franceses e com a intenção de viver barato, aprender francês e fazer literatura, no ano de 1928 Orwell parte para mais essa nova jornada de sua carreira, o que lhe rende sua primeira obra *Down and out in Paris and London* (*Na pior em Paris e Londres*).

Na primavera de 1928, já na França, Orwell, não com o objetivo primeiro de escrever algo para ser editado, mas com o intuito de registrar os momentos que passaria ali, começa a descrever os momentos e as pessoas que naquele ambiente de pobreza e miséria passam a fazer parte constante de sua vida na capital mundial da cultura.

É importante observar que o fato de viver de forma miserável em Paris e em Londres é apenas um acontecimento ocorrido na vida do homem George Orwell, ou seja, um fato da vida do autor-pessoa. *Na pior em Paris e Londres* passou a existir quando o escritor se libertou da situação em que viveu e se incumbiu de construir um objeto estético explorando uma consciência observadora sobre o material adquirido na experiência. A partir daí que Orwell configura sua obra, desta vez tendo a temática da pobreza como foco.

Na França, Orwell não esperava encontrar tal situação de miséria. Frustrado com seu objetivo inicial de estabelecer contatos com a elite artística francesa, é obrigado a lutar pela sobrevivência nos bairros sujos e pobres de Paris. Com a ajuda de um amigo local, instala-se num hotel infestado de percevejos e outros defeitos, numa rua com suas “casas altas e leprosas” (ORWELL, 2006, p.251), Orwell começa ali a sua saga e narra o cotidiano dos bairros pobres de Paris.

Madame Monce: “*Salope salope!* Quantas vezes já falei para não esmagar percevejos no papel de parede? Você se acha dona do hotel, é? Porque não joga os percevejos pela janela, como todo mundo? *Putain! Salope!*”

A mulher do terceiro andar: “*Vache!*”.

Logo em seguida, um variado coro de berros, enquanto janelas se abrem por toda a parte e metade da rua entra em discussão. Dez minutos depois, calam-se abruptamente, quando um esquadrão de cavalaria passa pela rua e as pessoas param de gritar para vê-lo.

Esboço essa cena apenas para transmitir um pouco do espírito da *Rue du Coq d’Or* (Orwell, 2006, p. 11).

Descreve com muita naturalidade o que é ser pobre na maravilhosa e glamurosa França do século XX. Vive como pode, trabalhando em cozinhas imundas e hospedarias sórdidas. Mostra-nos o que é ser um *plongeur*, funcionário de baixíssimo escalão interno de um restaurante, que trabalha geralmente lavando pratos e garfos ou qualquer outro trabalho braçal que precisar ser executado.

Tudo que se exige de um plongeur é que estejam numa constante correria e que agüentem longas horas de trabalho e uma atmosfera abafada. Não têm como escapar dessa vida, pois não conseguem economizar um tostão do salário, e as sessenta a cem horas de trabalho semanais não lhes deixam tempo para aprender outra coisa. O melhor que podem é achar um emprego um pouco mais leve, como guarda-noturno ou encarregado de banheiro. Não obstante, por mais que estejam por baixo, os plongeurs também demonstram um tipo de orgulho. É o orgulho do burro de carga, o homem que suporta qualquer quantidade de trabalho. Nesse nível, o mero poder de trabalhar como um boi é praticamente a única virtude alcançável. (Orwell, 2006, p. 92).

Quando consegue regressar para a Inglaterra, decepção-se mais uma vez, pois um amigo diz que o emprego que conseguira dará certo somente no prazo de dois meses, pois os seus novos patrões haviam viajado. Orwell, desolado e sem o que fazer, mais uma vez parte para a rua, mas dessa vez como mendigo na fria e impiedosa Londres dos burgueses.

Orwell passa a viver nas ruas e com pouco dinheiro no bolso, algumas migalhas que haviam sobrado da França. A saída é passar a noite em pensões e se alimentando de chá e torradas até que seu dinheiro acabe.

Conhece um mendigo, Bozo, que lhe ensina as técnicas de mendicância londrina. Além de Bozo, passa a conhecer o submundo londrino, seus “personagens” e os diferentes truques que fazem para sobreviver.

Descreve com muita intimidade o que são esses mendigos, a vida que levam e luta diária para sobreviver. A luta por uma xícara de chá, quando muito um chocolate quente, duas fatias de torradas e uma cama imunda para se deitar, somente para se deitar, pois não havia meios de dormir com o mau cheiro e todos dormindo praticamente um em cima do outro.

Essa era a rotina de Orwell em Londres. Pulando de albergue em albergue, conhecendo os mais diferentes tipos de pessoas, “profissões” como tocadores de realejo, acrobatas, os desenhistas de calçadas e seus estranhíssimos hábitos. Todas as passagens vividas foram imortalizadas na obra *Na Pior em Paris e Londres*. O autor explorou a fundo o tema da miséria e do descaso sofrido por um excluído social.

Orwell ainda faz ao final do livro uma relação de gírias e palavras usadas em Londres: *Gagger*, mendigo ou artista de rua; *Moocher*, aquele que

mendiga abertamente, sem fingir que exerce outra atividade; *Nobber*, aquele que coleta as moedas para o mendigo; *Chanter*, cantor de rua; *Clodhopper*, dançarino de rua; *Mugfaker*, fotógrafo de rua, lambe-lambe; *Flattie*, policial, tira; *Glimmer*, guardador de carros, flanelinha; *Drop*, dinheiro dado a um mendigo; *Smoke*, Londres (referência aos céus enfumaçados da cidade); *Hard-up*, cigarro feito de baganas (restos de cigarros fumados e jogados fora), e várias outras gírias.

Na pior em Paris e Londres também se classifica como uma obra autobiográfica, mas se difere de ensaios curtos como *O abate de um elefante* pelo fato de abordar diversos aspectos ligados a um tema (a miséria e a pobreza nos dois grandes centros econômicos e culturais presenciados pelo autor), mas permanece com as mesmas características de autobiografia já conhecidas.

Na pior em Paris e Londres é um texto muito extenso, mas assim como *O abate de um elefante*, é um tipo de escrita autobiográfica em que é fácil perceber o distanciamento efetivo do escritor que intenciona, diante o fato vivido, consolidar uma consciência crítica sobre a própria vivência explicitando conseqüentemente o cunho político sobre a análise dos fatos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

George Orwell foi um escritor emblemático. Através de seus escritos, tem-se uma grande noção sobre a situação do homem durante o atribuladíssimo período que foi a primeira metade do século XX. Suas obras, assim como sua vivência, é predominantemente voltada para a causa política. Exemplo disso é sua produção literária, que independente seja autobiográfica ou fictícia, a ação politizada está sempre em pauta.

Conclui-se que em seus textos autobiográficos não é narrada uma simples menção de fatos, e sim uma forte posição crítica junto aos acontecimentos relatados. Mesmo tratando-se de autobiografia, os fatos sofrem alterações devido à interferência axiológica de seu autor.

Orwell não elabora uma simples seqüência cronológica sobre alguns fatos de sua vida. Os fatos vividos são utilizados como um mecanismo de veiculação de sua ideologia.

Tal condição apenas é possível porque o escritor de autobiografia analisa sua vivência de forma exteriorizada, ou seja, ele enxerga sua vida pela perspectiva de um outro. Dessa forma é possível criar juízos de valores e expressá-los através de um ato criador. Tudo isso é bem claro quando se analisa a autobiografia produzida por Orwell sob um embasamento teórico bakhtiniano. A elaboração de um autor-criador capaz de materializar uma consciência de forma literária só é possível através de um olhar exteriorizado sobre si mesmo.

Sua obra não chama atenção apenas como arte, mas também como testemunho de uma grande consciência, fortemente tocada pela iniquidade e instigada a manifestar-se pela força da pressão exercida sobre o homem por parte dos conflitos ideológicos externos e a conduta e a impressão íntima do homem sobre o contexto vivido.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Questões de literatura e de estética*. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

FARACO, C. A. Autor e autoria. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: conceitos chave*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2005.

GIANNETTI, C. É permitido mudar de assunto. *Biblioteca entre livros*. São Paulo. n. 11, p. 66-73, 2008. Edição especial.

MOISÉS, M. *Dicionário de Termos Literários*. 12. ed. São Paulo. Cultrix. 2004.

ORWELL, G. 1984. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.

_____. *A Revolução dos Bichos*. 56. ed. São Paulo: Globo. 1998.

_____. *Na pior em Paris e Londres*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. Por que escrevo. In: _____. *Dentro da Baleia e outros ensaios*. Tradução de José Antônio Arantes. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. O abate de um elefante. In: _____. *Dentro da Baleia e outros ensaios*. Tradução de José Antônio Arantes. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BURGESS, A. *A Literatura Inglesa*. 4. ed. São Paulo: Ática. 2006.

DAMÁZIO, R. Entre o imediato e a transcendência. *Biblioteca entre livros*. São Paulo. n. 11, p. 08-11, 2008. Edição especial.

HOBBSBAWM, E. *Era dos Extremos – O Breve Século XX: 1914-1991*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras. 1995.

HOWE, I. *A Política e o Romance*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LOPES, E. S.; GARCIA, A. L.; FACIROLLI, L. G. *A Literatura como arma de combate: A revolução de George Orwell*. In: CAMPOS, A. L. F. et al. (Orgs.). *Revista do Curso de Letras*, v.1, n.3, Franca: UNI-FACEF, 2007.

SILVA, A. M. *Literatura Inglesa para Brasileiros*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ciência Moderna. 2006.

TEZZA, C. Sobre o autor e o herói: um roteiro de leitura. In: FARACO, C. A.; CASTRO, G.; TEZZA, C. (Orgs.). *Diálogos com Bakhtin*. 3.ed. Curitiba: Editora UFPR, 2001. p. 273-303.

ANEXO

O ABATE DE UM ELEFANTE

George Orwell

Em Moulmein, na Baixa Birmânia eu era detestado por um grande número de pessoas - a única vez na vida que fui importante o suficiente para isso acontecer comigo. Eu era policial de subdivisão na cidade, e, de maneira mesquinha e aleatória, o sentimento antieuropeu era bastante acrimonioso. Ninguém tinha coragem de se amotinar, mas se uma mulher europeia andasse pelos bazares sozinha alguém provavelmente lhe cuspiria suco de bétel no vestido. Como policial, eu era um alvo óbvio, importunado toda vez que podiam fazer isso com segurança. Quando um birmanês ágil me passou uma rasteira no campo de futebol e o juiz (outro birmanês) desviou o olhar, e a multidão explodiu numa gargalhada revoltante. Isso aconteceu mais de uma vez. No fim os rostos amarelos e sarcásticos dos jovens que me encaravam em toda parte, os insultos que gritavam para mim quando eu me achava em distância segura, tudo me dava nos nervos. Os jovens sacerdotes budistas eram os piores. Havia milhares deles na cidade, e davam impressão de que nada tinham a fazer a não ser ficar parados nas esquinas zombando dos europeus.

Tudo isso era desconcertante e perturbador, porque naquela época eu já tinha concluído que o imperialismo era algo maligno e que quanto antes eu renunciasse ao emprego e saísse dali, tanto melhor. Na teoria - e, claro, no íntimo - eu era a favor dos birmaneses e contra os opressores, os britânicos. Quanto ao trabalho, eu o detestava mais profundamente do que talvez seja capaz de expressar. Os infelizes que se comprimiam nas fétidas celas das prisões, os rostos pardos e assustados dos condenados a longo prazo, os traseiros marcados com cicatrizes dos homens açoitados com bambus - tudo isso me oprimia com uma sensação de culpa insuportável. Mas eu não conseguia ver as coisas com discernimento. Era jovem, mal informado e tinha de pensar em meus problemas no silêncio total imposto a todo inglês no Oriente. Nem sequer sabia que o Império Britânico estava agonizando,

muito menos que era bem melhor do que impérios mais recentes que caminhavam para substituí-lo. Sabia apenas que estava empatado entre o ódio pelo império que eu servia e minha ira contra os brutos perversos que tentavam tornar meu trabalho impossível. Com um lado da cabeça, eu pensava que a soberania britânica era uma tirania inquebrantável, algo imposto, *in saecula saeculorum*, contra a vontade dos povos humilhados; com o outro lado, pensava que o maior prazer do mundo seria enterrar uma baioneta nas entranhas dos sacerdotes budistas. Sentimentos como esses são conseqüências normais do imperialismo; pergunte a qualquer oficial anglo-indiano, se encontrar um de folga.

Um dia aconteceu uma coisa que, de maneira indireta, foi esclarecedora. Um incidente insignificante, mas que me deu uma idéia melhor da verdadeira natureza do imperialismo - dos verdadeiros motivos pelos quais governos despóticos agem. Numa manhã bem cedinho, o subinspetor de uma delegacia do outro lado da cidade me telefonou para dizer que um elefante estava destruindo um bazar. Poderia eu ir até lá e fazer alguma coisa? Eu não sabia o que poderia fazer, mas, querendo verificar o que acontecia, montei num pônei e montei e rumei para lá. Levei comigo fuzil, um velho Winchester calibre quarenta e quatro, muito pequeno para matar um elefante, mas achei que o barulho seria útil *in terrorem*. Vários birmaneses me pararam no caminho e me contaram as ações do elefante. Não era, claro, um elefante selvagem, e sim um elefante domesticado "enfurecido". Havia sido acorrentado, como sempre ocorre com elefantes domesticados quando estão prestes a se enfurecer, porém na noite anterior arreventara as correntes e escapara. Seu condutor, a única pessoa capaz de dominá-lo naquele estado, saíra em sua busca, ma havia seguido na direção errada e agora achava a uma distancia de doze horas de jornada, e de manhã o elefante aparecera de repente na cidade. A população birmanesa não possuía armas e estava indefesa. Ele já havia destruído uma choupana de bambu, matado uma vaca, atacado uma barraca de frutas e devorado todo o seu estoque; havia ainda topado com a caminhonete coletora de lixo e, depois de o motorista saltar para fora e sair correndo, tombara a caminhonete e a golpeara com violência.

O subinspetor birmanês e alguns guardas indianos me esperavam no

bairro em que o elefante fora visto. Era um bairro bastante pobre, um labirinto de choupanas de bambu miseráveis, cobertas com folhas de palmeira, que serpenteavam numa encosta íngreme. Lembro-se de que era uma manhã saturada de nuvens no principio das chuvas. Começamos a perguntar às pessoas para onde o elefante havia ido e, como de costume, não obtivemos nenhuma informação clara. Isso é o que invariavelmente ocorre no Oriente; uma historia sempre parece clara a distancia, mas quanto mais nos aproximamos do lugar dos acontecimentos, mais vaga ela vai ficando. Algumas pessoas disseram que o elefante havia ido numa direção, outras disseram que havia ido em outra, algumas afirmaram não ter sequer ouvido falar de um elefante. Eu estava quase chegando à conclusão de que a história toda não passava de uma grande mentira, quando ouvimos gritos não muito longe dali. Soou um berro escandalizado e alto de "Saia daqui, menino! Vá embora já!", e uma velha de chicote na mão surgiu dando a volta no canto de uma choupana, a enxotar furiosa um bando de crianças nuas. Outras mulheres apareceram, estalando a língua e vociferando; sem dúvida havia alguma coisa lá que as crianças não deveriam ver. Dei a volta no canto da choupana e vi o corpo de um homem morto estendido no barro. Era um indiano, um cule dravidiano pardo, quase nu, morto não mais do que alguns minutos antes. As pessoas disseram que o elefante o atacara de surpresa no canto da choupana, pegara-o com a tromba, pusera a pata sobre suas costas e o prensara contra o chão. Era a estação das chuvas, a terra estava fofa, e o rosto abrira uma vala de uns trinta centímetros de profundidade, e o corpo, uma de uns dois metros de comprimento. Estava de bruços, com os braços abertos, a cabeça bruscamente virada para o lado. O rosto estava coberto de barro, os olhos arregalados, os dentes arreganhados, com uma expressão de agonia insuportável. (A propósito, nunca me diga que um morto parecia tranqüilo. A maioria dos cadáveres que vi parecia diabólica.) A fricção da pata do enorme animal arrancara a pele das costas do homem de forma tão perfeita como se tira a pele de um coelho. Assim que vi o morto, mandei uma ordenança à casa de um amigo para tomar emprestado um fuzil capaz de abater um elefante. Eu já tinha enviado o pônei de volta, por não querer que enlouquecesse de medo e me derrubasse caso farejasse o elefante.

A ordenança voltou dali a alguns minutos com um fuzil e cinco

cartuchos. Nesse ínterim, alguns birmaneses haviam chegado, contando-nos que o elefante estava nos arrozais, a apenas uns cem metros dali. Quando comecei a caminhar, praticamente todos os habitantes do bairro saíram aos bandos das casas e me seguiram. Tinham visto o fuzil e gritavam com alvoroço que eu abateria o elefante. Não tinham mostrado muito interesse no elefante quando ele estava apenas destruindo as casas, mas agora que seria abatido era diferente. Significava um pouco de diversão para eles, como seria para uma multidão de ingleses; além disso, queriam a carne. Isso me deixou um tanto preocupado. Não tinha a intenção de abater um elefante - só pedi que buscassem o fuzil para me defender, se necessário - e é sempre enervante ter uma multidão seguindo a gente. Desci a colina, parecendo e me sentindo um bobo, com o fuzil no ombro e o bando cada vez maior de pessoas acotoveladas atrás de mim. Na base da colina, depois de as choupanas terem ficado para trás, havia uma estrada de cascalho e mais adiante, um terreno lodoso de arrozais que se estendia por uns mil metros, ainda não arado, mas encharcado com os primeiros aguaceiros e pontilhado de capins grosseiros. O elefante estava a uns oitenta metros da estrada, o lado esquerdo voltado para nós. Não prestou a menor atenção na chegada da multidão. Arrancava punhados de capins, batia-os contra os joelhos e para limpá-los e os enviavam na boca.

Eu tinha parado na estrada. Assim que vi o elefante, tive certeza absoluta que não deveria abatê-lo. É uma coisa grave matar um elefante que trabalha - comparável a destruir uma maquinaria enorme e cara -, e era evidente que não se devia fazer isso, caso se pudesse evitar. E daquela distância, comendo pacificamente, o elefante não parecia mais perigoso que uma vaca. Pensei no momento, e penso hoje, que seu ataque de "fúria" já estava passando; nesse caso, apenas andaria a esmo, inofensivo, até o condutor voltar e pegá-lo. Além do mais, eu não queria de modo algum abatê-lo. Resolvi observá-lo um pouco, até ter certeza de que não se enfureceria de novo, e depois voltaria para casa.

Naquele momento, porém, olhei para a multidão que havia me seguido. Era um mundo de gente, no mínimo duas mil pessoas, e aumentando a cada minuto. Bloqueava a estrada dos dois lados por uma longa distância. Olhei para os rostos amarelos acima das roupas vistosas - rostos felizes e agitados com aquele

pouco de diversão, todos certos de que o elefante seria abatido. observavam-me como observariam um feiticeiro prestes a fazer um truque. Não gostavam de mim, mas com o fuzil mágico nas mãos eu merecia por um instante ser observado. E de repente me dei conta de que deveria afinal abater o elefante. Esperavam isso de mim, e teria de fazê-lo; podia sentir as duas mil vontades me apressando de forma irresistível. E foi naquele momento, parado com o fuzil na mão, que compreendi pela primeira vez o vazio, a futilidade do domínio dos brancos no Oriente. Ali estava eu, branco com uma arma de fogo, diante de uma multidão de nativos desarmados - aparentemente o ator principal da cena, mas na realidade um fantoche absurdo empurrado de um lado para o outro pela vontade daqueles rostos amarelos atrás de mim. Entendi naquele momento que quando o branco se torna tirano é sua própria liberdade que ele destrói. Transforma-se numa espécie de boneco oco e presunçoso, a figura convencional de um saíbe. Porque a condição de seu poder que passa a vida tentando impressionar os "nativos", e assim, em todas as crises, terá de fazer o que os "nativos" esperam dele. Ele usa uma máscara, e seu rosto se ajusta a ela. Eu tinha de abater o elefante. Comprometi-me a fazê-lo quando mandei buscar o fuzil. Um saíbe tem de agir como um saíbe; tem de parecer resoluto, saber o que quer e definir coisas. Ter chegado até ali, fuzil na mão, com duas mil pessoas caminhando atrás de mim, e depois recuar frouxamente, nada tendo feito - não, isso era impossível. A multidão zombaria de mim. E minha vida inteira, a vida de todos os brancos no Oriente, era um longo esforço do qual não se devia zombar.

Mas eu não queria abater o elefante. Observava-o bater os feixes de capim contra os joelhos, com aquele ar de avó preocupada que os elefantes têm. A mim parecia um assassínio abatê-lo. Naquela idade, eu não tinha escrúpulos em matar animais, porém nunca havia abatido um elefante e nunca o desejara. (De certa forma sempre parece pior matar um animal *grande*.) Além disso, havia de levar em consideração o dono do animal. Vivo, o elefante valia no mínimo cem libras esterlinas; morto, teria apenas o valor das presas - cinco libras esterlinas, possivelmente. No entanto eu precisava agir rápido. Virei-me para uns birmaneses aparentemente experientes que estavam lá quando cheguei e perguntei como o elefante havia se comportado. Todos responderam a mesma coisa: não prestaria

atenção na gente se o deixássemos em paz, mas atacaria se chegássemos muito perto.

Ficou bastante claro para mim o que eu deveria fazer. Deveria me aproximar do elefante a uma distância, digamos, de vinte e cinco metros e pôr a prova seu comportamento. Se atacasse, eu poderia atirar. Se não prestasse a atenção em mim, seria seguro deixá-lo até o condutor voltar. Porém eu também sabia que não faria isso. Era pouco hábil com o fuzil, e o chão era de um barro mole que se afundava a cada passo. Se o elefante atacasse e eu errasse o alvo, teria a mesma oportunidade de escapar que um sapo embaixo de um rolo compressor. Mesmo assim não pensava na minha pele em especial, só nos rostos amarelos atentos atrás de mim. Porque naquele momento, com a multidão a me observar, não sentia um medo comum, como sentiria se estivesse sozinho. Um branco não deve demonstrar medo na frente de os "nativos"; e assim, em geral, não tem medo. O único pensamento em minha cabeça era que, se algo desse errado, aqueles dois mil birmaneses me veriam perseguido, pego, esmagado e reduzido a um cadáver de dentes arreganhados como aquele indiano no topo da colina. E, se isso acontecesse, seria bem provável que alguns deles rissem. Isso não seria bom. Havia apenas uma alternativa. Meti os cartuchos no depósito do fuzil e me deitei na estrada para poder mirar melhor.

A multidão se imobilizou, e inúmeras gargantas soltaram um suspiro profundo, baixo e feliz, como de pessoas que vêem a cortina do teatro enfim se erguer. Teriam afinal um pouco de diversão. O fuzil era um belo objeto alemão com ponto de mira de retículo de fios cruzados. Naquele momento eu não sabia que, ao abater um elefante, deve-se atirar para cortar uma barra imaginária que vai de um ouvido a outro. Deveria, portanto, uma vez que o elefante estava de lado, ter mirado no ouvido; na verdade mirei vários centímetros à frente dele, achando que o cérebro estaria mais adiante.

Quando puxei o gatilho, não ouvi o estrondo e nem senti o coice - nunca se sente quando se atinge o alvo - , mas ouvi o barulho infernal de alegria que estourou na multidão. Naquele instante, num espaço de tempo bem curto, mesmo para um projétil chegar lá, uma mudança misteriosa e terrível se deu no elefante. Ele

não se agitou nem tombou, mas cada traço de seu corpo se alterou. Parecia de repente ferido, contraído, extremamente velho, como se o espantoso impacto do projétil o tivesse paralisado sem derrubar. Por fim, depois do que pareceu muito tempo - devem ter sido uns cinco segundos - , ele cedeu, fraco, sobre os joelhos. A boca babou. Uma enorme sensibilidade pareceu tomar conta dele. Era possível imaginá-lo com mil anos de idade. Atirei de novo no mesmo ponto. No segundo tiro, ele não caiu, mas se firmou com desesperada lentidão sobre as patas e se manteve de pé, combalido, as pernas fraquejando e a cabeça pendendo. Atirei uma terceira vez. Foi o tiro de misericórdia. Era possível ver a agonia sacudir-lhe das pernas o último resquício de força. Mas ao tombar pareceu por um momento que se levantava, porque, quando as pernas traseiras cederam, ele deu a impressão de se elevar como uma grande pedra, a tromba erguendo-se em direção ao céu como uma árvore. Ele barriu, pela primeira e última vez. Em seguida caiu, a barriga voltada para mim, com um estrondo que pareceu estremecer até mesmo o chão em que eu estava deitado.

Levantei-me. Os birmaneses já passavam correndo pelo barro. Era evidente que o elefante jamais voltaria a se erguer, mas não estava morto. Respirava de forma cadenciada, com longos arquejos estrondosos, o volumoso flanco a se expandir e retrair dolorosamente. A boca estava escancarada - pude enxergar em seu interior cavernas de uma garganta rosa-claro. Esperei um longo tempo que ele morresse, mas a respiração não enfraquecia. Por fim disparei os dois últimos projéteis no ponto em que pensei que o coração deveria estar. O sangue grosso jorrou dele como veludo vermelho, e ainda assim ele não morreu. O corpo nem sequer se contraiu quando os projéteis o atingiram, a respiração torturada prosseguiu sem uma pausa. Estava morrendo, muito devagar e numa grande agonia, porém em algum mundo distante de mim em que nem mesmo um projétil poderia lhe fazer mal. Senti que tinha que pôr um fim àquele barulho medonho. A mim parecia horrendo ver um animal enorme deitado lá, sem forças pra se mexer e no entanto, sem forças para morrer, sem que eu fosse capaz de matá-lo. Mandei buscar meu fuzil pequeno e despejei projétil atrás de projétil em seu coração e em sua garganta. Pareceram não ter efeito. Os arquejos torturados continuaram com a mesma regularidade de um ponteiro de relógio.

No fim não consegui suportar mais e fui embora. Soube depois que levou meia hora para ele morrer. Os birmaneses chegaram com *dah* e cestas antes mesmo de eu ir, e me contaram que, à tarde, tinham pelado o corpo quase até os ossos.

Depois, claro, houve discussões intermináveis sobre o abate do elefante. O dono ficou furioso, mas era apenas um indiano e nada podia fazer. Além do mais, legalmente eu fizera a coisa certa, pois um elefante furioso deve ser morto, como um cão raivoso, se o dono não o controlar. Entre os europeus, a opinião se dividiu. Os mais velhos disseram que eu estava certo, os mais jovens, que era uma lástima terrível abater um elefante por ele ter matado um cule, porque um elefante vale bem mais do que um maldito cule de Coringhee. E mais tarde fiquei contente de que o cule estivesse morto; fornecia-me a razão legal e pretexto suficiente para que eu tivesse abatido o elefante. Muitas vezes me perguntei se alguém percebeu que fiz o que fiz unicamente para evitar parecer um bobo.

New writing, 1936; Penguin New writing,
novembro de 1940.